



CARDEAL REVELA FRAUDE DO CONCILIO VATICANO II

(Trecho das páginas 277-288 do livro “O Conclave Final”, de Malachi Martin. A ação se passa no início da Primeira Sessão do Conclave, quando o Cardeal Koi-Lo-Po cede a palavra ao Cardeal americano Henry Walker.)

Quando Buff alcança seu lugar, Koi-Lo-Po já está convocando - evidentemente com alguma satisfação pessoal, porque ao falar exhibe um grande sorriso:

- Meu Reverendíssimo Senhor Cardeal Henry Walker!

Adlai Stevenson, que uma vez aceitou uma Coca-Cola oferecida por Walker, disse mais tarde a um de seus auxiliares que "até a garrafa parecia significar alguma coisa especial, quando ele a entregou à gente". Walker tem o dom de revestir de profunda significação a menor das ações. Assim sendo, quando caminha penosamente na direção do Altar, segurando alguns papéis, e depois, quando se volta para falar, tudo parece carregado de sentido. Em fase anterior de sua vida, este homem foi o mais culto dos bispos católicos romanos de seu país a aparecer em cena no decurso de cem anos e, provavelmente, o mais perfeito orador de sua geração. Fluente em três línguas européias, profundamente versado em teologia e literatura, um antagonista formidável numa discussão, Walker estava praticamente fadado a terminar em Roma. Era do material de que são feitos os homens do poder. Num determinado momento, sua reputação de *gourmet* foi excessivamente comentada e outras características lhe foram falsamente atribuídas.

- Eminentíssimo Presidente, tenho delegação para falar por um grande grupo de Reverendíssimos Cardeais-Eleitores e, além disso, por muitos Cardeais que não estão aqui presentes e por muitos sábios e piedosos bispos espalhados por toda a Igreja. E o que tenho para dizer, vos revelará muita coisa sobre aqueles que têm novidades a nos propor. Sobre os homens que aqui se apresentaram e nos ofereceram seus floreados planos, que comparam com os espinhos de nossos feitos passados. - Um brilho de cólera faz arder seu olhar.

- Nossa mensagem aos Eleitores deste augusto Conclave é precisa e clara: a vontade da maioria dos bispos que participaram do Concílio Ecumênico durante os anos sessenta foi desfigurada. Sua boa fé foi traída.

Há uma murmuração geral entre os Cardeais. Parece que Walker está querendo ver sangue e tem as armas carregadas.

- A sanção do Concílio Episcopal tem sido usada - eu deveria dizer, prostituída - para propósitos que contrariam sua intenção original...

Walker é parado por um grito vindo dos Cardeais - ninguém parece saber de quem é a voz:

- Nada de discursos sobre conduta moral, por favor, Reverendo!

Walker volta à sua verrina: - Oh, não vos preocupeis, meus Eminentíssimos Padres e amigos. Sei a que vos referis. Sei as coisas de que sou culpado. Sei disso melhor do que qualquer um de vós. Mas creio na graça de nosso Senhor Jesus. Creio que ela purifica, faz a alma viver de novo, torna mais agudo o espírito. E creio que o Senhor Jesus ouve o penitente e pune aqueles que censuram publicamente os pecados de que já houve arrependimento...

Outra interrupção:

- Vergonha! Vergonha!

— Que Vossa Eminência possa imitar vosso Pai Celestial! - riposta Walker, fixando a direção de onde vem o grito.

O Cardeal-Presidente intervem, lembrando aos Eleitores o decoro e o respeito mútuo que devem observar.

- Eu vos agradeço, Eminentíssimo Cardeal-Presidente, eu vos agradeço,- Walker volta-se depois para os Eleitores. - Não vos consideraria de modo algum em dúvida sobre o que aconteceu, meus Irmãos, com a vontade manifestada em nosso Concílio Ecumênico - especialmente diante dos discursos que ouvimos esta manhã.

- Posso falar com direto conhecimento de causa, porque tomei parte no Concílio. E verdade que as minhas próprias ambições estavam então intimamente identificadas com as posições que tomei. Creio, perante Deus, que a acumulação de anos e as misérias corporais que desde então o Senhor descarregou sobre mim, juntamente com o tempo que passei nesta Cidade Santa e com as funções que desempenhei junto ao Santo Padre - tudo isso deixou muito nitidamente definidos em minha memória todos os fatos acontecidos.

Olha rapidamente para o lugar de onde tinham vindo, pouco antes, aqueles gritos depreciativos.

- Seja como for, Irmãos, ficai certos de uma coisa: não tenho nenhum interesse pessoal neste Conclave. Seria ridículo e inútil, da minha parte, passar em revista, aqui e agora, o Concilio inteiro. Mas deixai que eu dê um exemplo típico, para fundamentar a minha afirmação de que houve artifício e deslealdade e - pior do que isso tudo - traição de nosso dever de preservar e passar adiante as sagradas tradições da Igreja Apostólica.

Walker já está respirando pesadamente. Enxuga o rosto com um grande lenço branco.

- Todo mundo aqui está familiarizado com o documento conhecido como a CSL, a *Constituição da Sagrada Liturgia*. Permitti-me abordar alguns pontos concernentes à CSL. - Torna a enfiar o lenço na manga esquerda. - Todos aqueles que participaram do Concílio, como eu participei - de todas as suas sessões - como Terebelski fez, como Riccioni fez, como fizemos todos nós, os veteranos!

Murmúrios de "Ita" vêm de uma dúzia de gargantas.

- Todos nós sabemos - os 1.922 bispos que participaram da votação - que o Cânone da Missa (a parte central da Missa Católica Romana) deveria, de acordo com a vontade da grande maioria desses 1.922 bispos, ser sempre e continuar sendo dito em latim.

Ele pára com uma expressão de incredulidade, para dar ênfase às palavras. A pausa dramática prende completamente a atenção. Walker escolheu um ponto que causou sofrimento e discórdia, e que quase levou ao cisma.

Sua própria voz quebra o silêncio:

- Sabíeis disso? Perguntei: "os bispos sabiam disso? Deixai que eu seja exato, Irmãos: os bispos fizeram mais. *Declararam* isso! *Legislaram* dessa forma! Deixai que cite para vós: no Artigo 36 dessa CSL eles disseram:

"Uma lei especial permanece em vigor: o uso da língua latina é de ser preservado nos Ritos Latinos. "

- Estas foram as nossas exatas palavras, — e brande um papel na mão, como se o estivesse oferecendo a todos os presentes, para que o lessem eles próprios. - Reparai que nós, bispos, *ordenamos* isso. Usamos a forma imperativa: *servetur*. Não aconselhamos. Não recomendamos. Não fizemos uma declaração moderada. *Ordenamos*. Esta era a nossa vontade. A vontade do Concílio. O Concílio Ecumênico. ***O Cânone da Missa nunca deveria ser dito em língua alguma, exceto em latim.***

- Agora. todos vós sabeis que nós, os bispos do Concílio, fizemos uma distinção entre as partes *presidenciais* da Missa - aquelas que dizem respeito ao sacerdote como sacerdote, como um substituto para Jesus - e as partes *populares* - aquelas partes da Missa que envolvem diretamente o povo, tais como o Evangelho, a Epístola, as preces pelo bem-estar público e assim por diante.

E estipulamos, nesse mesmo Artigo 36, parágrafo 3º da CSL que as autoridades competentes deveriam decidir se - reparai na palavra "se" - a língua vernacular poderia ser usada mesmo nas partes populares. Em outras palavras, no que dizia respeito a nós, bispos, o vernáculo *nunca precisaria* ser usado nas partes populares e nunca deveria ser usado nas *presidenciais*.

- Repito ainda uma vez, éramos 1.922 bispos, votando sobre essas exatas palavras. Não poderia ter sido mais claro. Ora, que foi que aconteceu realmente com a nossa Missa? Com o nosso Cântone Latino? E, poderia acrescentar, com o comparecimento à missa? O rosto de Walker reflete pura repugnância.

- Bem, hoje em dia há, pelo menos, nove diferentes cântones vernaculares. Cântone Latino oficial da Missa *não* existe absolutamente! Isto foi o que aconteceu.

- Mas como? Como poderia ter resultado uma coisa tão completamente oposta à vontade do Concílio - e, acima de tudo, como poderia isso ter resultado em nome do Concílio?

- Lembro-me daquele monstro que, em 1965, logo depois da terminação do Concílio, foi criado por artifício e maquinação - refiro-me à Comissão pós-Concílio, instituída para implementar a nossa vontade, a vontade dos bispos - a essa monstruosa Comissão foi perguntado, por cerca de quinze diferentes hierarquias e episcopados nacionais da Europa, Ásia, África e América sobre o Cântone, o Cântone *Latino*. Que resposta supondes que a Comissão hes deu? Pensai por um momento. Eu deveria deixar essa resposta a cargo de vossa imaginação, Reverendos Padres.

Walker mostra os dentes, num sorriso de escárneo.

- Mas, se fizesse isso, a coisa provavelmente seria distorcida pelos inimigos da missa. A resposta que a Comissão deu, consistentemente, foi: "Permissão para abandonar o latim e traduzir o Cântone nas várias línguas nacionais nunca será dada." Isto, se me fazeis o favor, foi o que nos disseram, de modo que todos voltamos para casa satisfeitos.

O Cardeal Thule põe-se de pé para uma questão de ordem:

- Pode o Eminentíssimo Cardeal provar estas declarações? A agitação de Thule é evidente.

- Tenho a prova aqui, numa carta em papel timbrado em relevo com o brasão da Comissão e seu endereço romano; está datada de 22 de dezembro de 1965...

- Os Eleitores não podem ver a carta, Reverendíssimo Irmão...

- Tenho-a em minha mão! - estrondeia Walker, teimosamente brandindo no ar uma folha de papel, - e vós e os outros podeis dispor de vinte cópias, a expensas minhas, se quiserdes...

- Sim, mas quem assinou essa carta, Eminentíssimo Irmão? Talvez tenha vindo de algum gabinete de um escalão inferior da Comissão, que...

.- Está assinada, — a voz de Walker é uma lixa, — pelo Arcebispo que então chefiava a Comissão.

Ele ergue os olhos e mira os Eleitores com uma expressão de asco. Há um silêncio mortal entre os Cardeais. O Arcebispo era o homem que Paulo fora obrigado a demitir da Comissão sobre Liturgia. As razões foram muito graves.

— E daqui a pouco teremos mais a dizer sobre o Arcebispo.

Walker agarra-se de novo a seu assunto principal:

- Como foi então que aconteceu, meus Irmãos, o fato de que a vontade expressa da maioria dos bispos foi diretamente contrariada e violada?

Thule está de pé novamente:

- Acho que está muito claro que os membros da Comissão consultaram os bispos depois que terminou o Concílio e que estes simplesmente manifestaram um desejo, em termos gerais, de...

- Isso aconteceu, meu caro e Venerável Irmão, - a voz tonitroante de Walker sufoca a de Thule, - porque foi decidido *in camera*, entre uma meia dúzia de bispos isolados, três cardeais - dos quais, aliás, o meu Venerável Irmão foi um - e um grupo selecionado de teólogos, os *periti*. Todos vós vos lembrais dos *periti* do Concílio? Lembrais? Walker está olhando agora em volta, passando os olhos por todos eles. - Lembrais?

Buff põe-se de pé:

- Gostaria de lembrar a meus Colegas que os *periti* foram escolhidos isoladamente pelos bispos tendo em vista sua capacidade em assuntos de tradição e em conhecimentos teológicos. E, além disso...

- Não temos necessidade de uma lição de Sua Eminência sobre o significado da palavra "*periti*". - O sarcasmo de Walker é tão imperioso quanto sua cólera. - "*Periti*". - Profere a palavra como se a mesma tivesse um som estranho e um significado mais estranho ainda. — É claro! Alguém versado numa coisa ou noutra. Neste caso, em teologia. Todos nós, bispos do Concílio, tínhamos os nossos *periti*. Mas os *periti* nesta reunião *in camera* eram mais do que simples assessores em matéria de teologia. A propósito, eu deveria dizer reuniões - mas houve uma reunião particularmente fatídica, sobre a qual o meu Eminente Irmão sabe mais do que qualquer um de nós. - Olha de novo para Thule.

Thule tivera um encontro especial com os *periti* ultraprogressistas, no Concílio, e entre eles ficara decidido que procurariam introduzir, no texto dos documentos conciliares, "bombas de ação retardada" em assuntos de doutrina, que seriam aprovados pelos bispos. Nesse sentido, uma bomba de ação retardada era uma frase suscetível de mais de uma interpretação. Para os bispos, uma frase dessas teria um significado. Mas depois, como de fato aconteceu, a Comissão daria outro - e por vezes totalmente diferente - significado à frase aparentemente inócua.

Walker trouxe consternação ao Conclave. Pelo menos quatro ou cinco Cardeais, quase todos da América Latina, estão de pé, tentando conseguir permissão para intervir. Um deles, Marquez, consegue:

- Nosso Irmão, o Cardeal Walker, precisa ter certeza de que dispõe de prova dessa grave acusação.

- Está tudo aqui, meu Eminentíssimo Irmão, está tudo aqui. - Walker levanta no ar outro monte de papéis. Está sorrindo, mas não é um sorriso agradável. - Estes documentos me custaram muito trabalho. Deixai-me ver, agora, - folheia rapidamente algumas páginas. - Ah, sim! Uma pausa, enquanto lê os nomes dos mais controvertidos e mais modernistas dos *periti* do Concílio Vaticano.

- Está o nosso Eminente Irmão dizendo, - Marquez insiste na provocação a Walker, - que havia uma espécie de entendimento entre estes homens e outros ainda não mencionados?

- Sim. Estou! - Muito embora todos os presentes a esta altura já tivessem compreendido a significação daquilo que Walker estava dizendo, sua afirmação final de que houvera nada menos que uma trama para aliciar a vontade do Concílio ainda constitui uma bomba.

O Presidente não consegue manter a ordem entre os Cardeais e Walker precisa quase berrar, para poder se fazer ouvido.

- Estou dizendo precisamente isso, Reverendo Irmão. Houve um plano coordenado, predeterminado estabelecido por um punhado de bispos e *periti*, um plano que agora conhecemos em detalhe, um plano que foi seguido meticulosamente.

- Precisamos saber, Eminentes Irmãos, - Thule é um desafio ostensivo - precisamos saber quais são os detalhes dessa - trama, desse plano.

- Muito bem! Primeiro: Colocar as bombas de ação retardada, aquelas afirmações ambíguas, nos documentos do Concílio.

Na nossa CSL oficial, por exemplo, uma afirmação como a que consta do Artigo 21, que diz: “A *Liturgia compõe-se de elementos imutáveis, de instituição divina, e de elementos sujeitos a modificação.*” Ou no Artigo 33: “*Embora a Liturgia sagrada seja, acima de tudo, a adoração da Majestade Divina, contém ela, igualmente, abundante instrução para os fiéis*”.

Ou, no Artigo 38: “*A revisão dos livros litúrgicos deveria permitir variações e adaptações legítimas a diferentes grupos, regiões e povos, especialmente em zonas missionárias.*”

- Ora, Confrades, todas as declarações desse tipo foram entendidas por nós, os bispos, num sentido, um sentido conservador, tradicionalista. O passo número um consistiu em introduzir declarações nos documentos oficiais.

- Segundo passo: Encher a Comissão pós-Concílio, estabelecida para a implementação de nossas decisões, com gente que faria explodir as bombas de ação retardada. O secretário-geral da Comissão pós-Concílio era Bugnini, Hannibal Bugnini.

- Terceiro passo: Em nome do Concílio - agora já disperso e tendo seus membros espalhados pelos quatro ventos - expedir uma série de decretos, determinando as mudanças. E coordenar esses novos e revolucionários decretos com mudanças não-oficiais e unilaterais, iniciadas por bispos complacentes e maquinadores e por *periti* e padres, em várias dioceses da Igreja...

- Repito: espero que o Eminentíssimo Cardeal possa provar tudo isto com documentos, comprovados e autenticados. - É Thule. E está claramente agitado.

- Vossa Eminência tem uma cópia de cada documento que tenho nas mãos, e de cada carta trocada entre Sua Eminência e os *periti* e o Arcebispo que chefiava a Comissão e...

O Cardeal Thule levanta-se para interromper novamente Walker, mas desta vez o Presidente intervém: - Por favor, permita que o Cardeal continue. - Walker olha firmemente em torno de si, depois continua:

- Quarto passo: Traduzir o Cântico da Missa, em toda parte, para o vernáculo. E proibir - repito - proibir o latim, em toda parte. E traduzir para o vernáculo todos os livros litúrgicos.

- Quinto passo: Adaptar a Liturgia da Missa a todas e a cada uma das regiões e localidades e línguas, de modo que não haja mais uniformidade alguma, pelo mundo todo. E adaptá-la de modo que, em qualquer lugar, não seja encarada como uma participação no Sacrifício de Jesus no Calvário. Em vez disso, que seja considerada como um repasto comunal da congregação, com ênfase na Bíblia, particularmente no Velho Testamento, e em problemas sociais. E deixar que os leigos, não o padre, tenham as funções principais. O padre deveria ser

simplesmente um mestre de cerimônias.

- Mas afinal de contas que tem tudo isso a ver com a grave decisão que temos diante de nós? - É Thule, agora tomando uma direção diferente para derrubar a argumentação de Walker.

- Meus Irmãos, - Walker faz o apelo quase num grunhido, - na verdade, por que será que estou vos dizendo tudo isto? Pura e simplesmente para vos declarar que a vontade do Concílio foi prostituída - e com ela toda a representação de vossa Fé Católica, o Sacrifício da Santa Missa.

- E para vos declarar que não deveríamos, neste momento tão profundamente crucial, depositar nossa confiança nas proposições daqueles que foram implicados nessa fraude e nessa corrupção tão monumentais.

- Mas como pode o Cardeal deixar de mencionar a **renovação** que se seguiu ao Concílio? Thule não está preparado para a tempestade que desaba sobre sua cabeça:

- **Renovação**? Walker berra a palavra. - **Renovação**? Volta-se para Thule com uma descarga de palavras. - Deixai que vos diga o que é que a **renovação** significou. Vamos considerar uns poucos, frios e duros fatos. - Examina rapidamente alguns dos papéis sobre sua mesa.

- **Renovação** deveria querer dizer, principalmente, um zelo maior pela missa, não? E maior interesse pelos Sacramentos, não? E uma função dos padres cada vez mais influentes, não? Maior, ou pelo menos o mesmo, número de conversões à Igreja, não? Afinal de contas, estes são os *sinais* de **renovação**. De que outra maneira se pode falar em renovação a não ser nestes termos?

- Bem, vejamos os fatos, desde 1965, quando essa maldita **renovação**, esta chamada reforma litúrgica foi iniciada pelos nossos amigos. O comparecimento à missa, a partir de 1965, declinou. Enormemente! Na Inglaterra e País de Gales, em 16%. Na França, em 66%. Na Itália, em 50%. Nos Estados Unidos, em 30%. Renovação, ein?

- E as vocações sacerdotais. Aqui também, declínio. Na Inglaterra e País de Gales, em 25%. Na França, em 47%. Na Holanda, em 97%. Na Holanda! A Igreja de vitrina - onde todos os seminários estão fechados desde 1970! Na Itália, em 45%. Nos Estados Unidos, em 64%. **Renovação!**

- E os batismos. Mais uma vez, declínio. Na Inglaterra e País de Gales, em 59%; nos Estados Unidos, em 49%.

- Freiras? Um declínio de 24,6% através de toda a Igreja. Desde 1965, 35.000 freiras abandonaram os conventos. E 14.000 padres abandonaram o sacerdócio.

- **Renovação?** Preciso continuar? E isto não passa de uma leitura ao acaso. Qualquer um dos meus Eminentes Colegas pode ter uma cópia destes documentos. - Ele atira os papéis sobre a mesa do Presidente.

Depois, volta-se para encarar Thule e Buff:

- E quereis saber, há nisso tudo uma distorção engraçada. E não estou falando sobre missas com música *pop*, missas com maconha, missas com biscoitos e uísque em vez de pão e vinho, missas jovens com Coca-Cola e pãozinho de Sexta-feira Santa - tudo isso parte de vossa **renovação**, Meus Eminentes Irmãos!

Já percebestes que a Missa Latina é a única versão da missa que *não* é permitida de modo geral? Só é permitida com permissão especial? Como é que encarais isso? Podeis ter a missa em qualquer língua, EXCETO!!! - ele ruge a palavra - em latim! E o Arcebispo Lefebvre e seus tradicionalistas são castigados por fazerem objeção a isso, enquanto os conspiradores, - sim, conspiradores! - nem mesmo são repreendidos. - Walker vê que Buff e Marquez estão prontos para saltarem de pé, mas levanta a mão: - Terminarei dentro de pouco tempo. Por favor, deixai-me acabar, Eminentes Irmãos.

- Quanto às demais mudanças na missa, tudo surpresas! Cada uma delas! - Walker está-se referindo às numerosas pequenas modificações em palavras e no ritual do culto católico, e nas leis da Igreja que foram impostas aos católicos romanos nos últimos doze anos.

- Nós, bispos, nunca decretamos a Comunhão na mão, por exemplo. Nunca decretamos que o padre deveria ficar de frente para o povo. Nunca decretamos que uma mesa - novamente a idéia de uma refeição e não de um sacrifício sagrado - deveria ser usada em lugar de um altar.

Falamos sobre essas coisas no Concílio e decidimos contra cada uma delas! Por que é que não nos perguntaram de novo? Quem decidiu ao contrário? Eu vos direi: aquele pequeno grupo de *periti*, apoiado por uns poucos bispos e por alguns cardeais.

Buff intervém, finalmente:

- Diga o que quiser Vossa Eminência, não acredito que seja prudente insistir na afirmação de que tais mudanças foram resultado de um plano deliberado...

- Ora, por que, Eminente Irmão, perseverais em dizer coisas como essa? Por que? Estais com medo? E pode ainda algum dos meus Eminentes Irmãos pensar que tudo isso não foi deliberado?

- Mas sugerir que houve alguma espécie de abominável plano...

- Eu penso, eu penso que foi isso, Eminente Irmão. Sim. Penso. Faço mais do que isso. Aponto o dedo para aqueles bispos e aqueles cardeais que adquiriram a condição de membros - aliás, proveitosa condição de membros - de organizações anticatólicas e anticristãs, clubes e coisas semelhantes.

Thule põe-se de pé:

- Acho que num caso de tal gravidade não só é necessário uma prova documental, mas também que sua Eminência deveria ter alertado as autoridades há muito tempo.

- Bem, na realidade, - responde Walker, quase estalando os lábios, - na realidade, tenho a prova documental aqui nas minhas mãos - podeis tê-la, se quiserdes. E, na realidade, o Camerlengo tem estado de posse dessa prova documental há bem mais de três anos. - Depois, para o grupo todo, - Por que é que vós não ficastes sabendo disto?

Bem... - olha rapidamente na direção do Camerlengo. - Razões de estado, talvez...

- O Meu Senhor Cardeal Buff nos perguntou, há alguns momentos, como foi que a Igreja chegou a este ponto. Não pretendia, compreendo eu, que a pergunta fosse respondida exatamente desta maneira, mas creio que vos dei *um* exemplo da maneira pela qual chegamos a este ponto. E deixai que eu responda à sua pergunta seguinte: sim, está na hora de rompermos com o passado. Não como quis significar Sua Eminência, talvez. Mas no sentido seguinte: que trabalhemos todos nós em absoluta franqueza, durante todo este Conclave.

Olha em volta, para todos os rostos.

- Porque, que cada um tome conhecimento: *temos* um dever sagrado, o de eleger um sucessor de Pedro e um Vigário do Senhor Jesus. Estou deliberadamente me coibindo de qualquer outro comentário, no momento.

Mas, digo de novo, que cada um tome conhecimento: lutaremos contra qualquer tentativa da parte de qualquer um - qualquer um, quer dizer, fora do Conclave - para exercer mesmo um mínimo de influência na eleição desse sucessor e desse Vigário. Assim me permita Deus!

Esta última afirmação, sua violência e a implicação de conluio entre alguns Cardeais e poderes exteriores provocam uma onda de murmúrios e de comentários.

Alguém grita lá de trás:

— Vetos à eleição? Estais insinuando que alguém está quebrando a lei do Conclave, introduzindo um veto em nosso meio?

Na história dos Conclaves, vários governos tiveram a outorga do direito, dada pelos Papas, de vetar um *papabile* indesejável, e os Cardeais se apresentavam trazendo uma ordem de seu respectivo Rei ou Imperador, no sentido de que este ou aquele Cardeal não poderia ser eleito Papa.

- Vetos? Vetos? Quem está falando em vetos? E, afinal de contas, que é um veto? Todos vós não trouxestes algum tipo de veto? O melhor de todos nós!

- Pensais que o Meu Eminentíssimo Irmão, Meu Senhor Cardeal Artel, irá sancionar ou trabalhar por um candidato que sabe ser inaceitável pela administração Carter? Ou que o Cardeal Delacoste vai apoiar alguém inaceitável pelas pessoas que ocupam o Palácio do Elysée? Ou que o Cardeal Franzus apóia alguém inaceitável por Moscou? Franqueza, Irmãos! Vamos continuar com franqueza.

- Agora, é claro que esses Eminentíssimos e Reverendíssimos Cardeais *sabem* apenas que alguém é inaceitável. Não foram *instruídos* por seus governos para tomarem qualquer espécie de atitude. Nenhum funcionário do governo lhes disse que vetassem determinado candidato. Mas não sejamos simplórios!

- Exijo, Reverendo Senhor Cardeal Presidente, - Marquez está zangado, ao fazer sua intervenção, - que o Eminente Cardeal esclareça a situação e as suas palavras. Quer ele dizer que os maçons se intrometeram neste Conclave, ou que alguma das superpotências está exercendo hoje, aqui, alguma influência por trás de portas fechadas?

- Não. Não estou me referindo primeiramente, nem mesmo secundariamente aos maçons, embora, meu Eminente Irmão, quem de nós poderá negar que o Grande Oriente não esteja puxando alguns cordões de marionetes aqui, dentro deste Conclave?

- Não. É alguma coisa muito mais sinistra. Lá fora, no mundo dos homens, na sociedade dos homens e mulheres, esteja ela nos Estados Unidos, na Suíça, na Rússia, entre as nações da África e da América Latina, há lá fora uma organização mais abrangente, mais sutil, de maior alcance, uma organização de homens de um tipo especial, que não são leais a este ou àquele país, mas a princípios muito especiais, de acordo com os quais têm em mente um destino muito especial para - entre outras instituições — esta Santa Igreja Católica Apostólica Romana. Para tais homens, os maçons são bonecos. E os marxistas são bonecos, além de se constituírem em obstáculos temporários à consecução de suas vontades e intenções.

Walker pára. Seus lábios estão-se movendo, seus olhos por um momento se erguem para o teto do Salão do Conclave. Enquanto permanece silencioso, o silêncio faz-se também entre os Cardeais, que estão fascinados e pasmos.

Depois de alguns segundos, Walker fala, com muita calma:

- Que Cristo possa ter piedade de todos nós, para que tomemos a decisão correta, neste Conclave. Porque de nós e de ninguém mais dependem a vida e a morte de milhões. E a paz ou a agonia desta Igreja. E a perseverança de muitos cristãos. Que Deus tenha piedade de nós e nos ilumine.

Ele se inclina para os Presidentes.

Um Cardeal comenta para o vizinho:

- Pensar que Hank Walker estaria lutando pelas velhas bandeiras! Quem iria pensar uma coisa dessas? - Ele não é o único a ter esse mesmo pensamento. Mas este Conclave é surpreendente em muitos aspectos.

Pelo canto do olho, enquanto caminha de volta a seu lugar, Walker percebe a mancha cor-de-chocolate do rosto do Cardeal Coutinho, um velho amigo seu. Nos rostos de Thule, Franzus, Buff e Marquez pode-se ler um misto de raiva e determinação. A maioria dos Eleitores não absorveu tudo aquilo que Walker lhe disse. Mas, mesmo assim, há entre eles uma sensação nova.

Pela primeira vez, desde que o Conclave começou, cada cardeal começa a sentir a verdadeira pressão e a força de um Conclave Papal.

Grandes problemas ocupam agora o primeiro plano de seus pensamentos.